

Línguas&Letras v. 19, n. 45 (abril de 2019)

Contingências Sociais e Cultura Popular na Obra de João Guimarães Rosa

O Senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucúia. Toleima. [...] Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda a parte. (ROSA, G. *Grande Sertão: Veredas*, 1979, p. 09.

Este número da revista *Línguas&Letras* presta homenagem à obra de João Guimarães Rosa, uma vez que, há cinquenta anos (19/11/1967), o Brasil perdeu um dos mais importantes autores da Literatura Brasileira: tão cultuado, dada a monumentalidade da sua obra, quanto temido em função do seu esmerado trabalho com a linguagem. Embora muito estudada, sua obra continua enigmática para muitos leitores, inclusive, para alguns professores que evitam analisá-la no Ensino Médio e, às vezes, até no Ensino Superior, por acharem ser esta ininteligível para “os não iniciados”. Este equívoco, quando ocorre, deve-se, em parte, ao fato de que muitas das discussões filosóficas e existenciais, marcantes na obra do autor, e amplamente analisadas pela crítica, redundaram no mito sobre o quão enigmática seria a sua compreensão. As questões existenciais e filosóficas presentes na obra rosiana foram estudadas por alguns dos mais relevantes críticos da Literatura Brasileira, por isso, no presente número da revista, objetiva-se publicar artigos que se atenham à base social e à cultura popular subjacentes à obra. Base esta que – apesar de obnubilada pela grandeza das discussões existenciais e filosóficas e pelo esmerado trabalho do autor com a linguagem – funciona como uma espécie de chave inicial para que o leitor principiante possa adentrar à obra sem se intimidar pela sua complexidade. Para isso, é relevante que ele identifique: de onde vem o sertanejo: a que contexto(s) cultural(is) Guimarães Rosa se reporta; qual é a base social da qual brotam seus jagunços e coroneis; quais são as origens históricas de tamanha violência; quais são os arquétipos femininos retomados pelo autor; que tipos de

famílias se fazem presentes em sua obra; quais são os aspectos folclóricos e populares aos quais o autor recorre com frequência e a inovação marcante da linguagem. Tais temas, quando discutidos à luz de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Victor Nunes Leal, Raymundo Faoro, Roberto DaMatta, Darcy Ribeiro, Antonio Candido, dentre outros, torna a obra não só plenamente inteligível, como encanta o leitor que, ao entender e se identificar com o contexto cultural, se deixa também enviscar pelo mágico e complexo banquete da linguagem e, uma vez enviscado, as questões mais complexas vão se tornando mais e mais inteligíveis. Quando isso acontece, o leitor é agraciado com uma das mais extraordinárias obras da Literatura Brasileira.

O artigo da pesquisadora Evelina Hoisel (UFBA/CNPq), **A escritura anagramática de *Grande Sertão: Veredas***, dá início às incursões rosianas, aqui propostas. Seu texto desenvolve-se a partir de dois movimentos de leitura. Hoisel recorta diversos fios entrelaçados para reconstituírem biograficamente a constelação dos signos de *Grande sertão: veredas*. Em um primeiro movimento, a autora aborda o parentesco entre a escritura de *Grande sertão* e a de *Ulysses* e *Finnegan's Wake*, de James Joyce, pois, segundo Hoisel, do ponto de vista estritamente linguístico, elas se irmanam por terem deflagrado a *hybris*, a transgressão que atinge diretamente o corpo físico da linguagem, por meio do estilhaçamento e fragmentação dos significantes e significados. Nesse sentido, tanto Rosa como Joyce submetem a língua a uma agônica dramatização fundamentada nesse elemento dionisíaco e trágico. Em um segundo movimento, Hoisel reflete como esse elemento transgressor no plano dos valores estéticos e linguísticos repercute nos valores históricos, sociais, religiosos e éticos.

Em continuidade às incursões rosianas destaca-se o texto, **Narrar é resistir: os processos de transculturação narrativa em “Meu Tio o Iauaretê”, de Guimarães Rosa**, de João Pedro Bellas(UFF). O autor parte do conto “Meu tio o iauaretê” (1961), para explicitar os procedimentos de transculturação narrativa empregados por Guimarães Rosa, com base nos estudos do crítico uruguaio Ángel Rama. O objetivo é explorar a partir da obra rosiana o papel de resistência cultural desempenhado pela literatura latino-americana, mostrando como o conto contribui para uma reafirmação e valorização de elementos próprios da cultura indígena frente à problemática da colonização.

Por sua vez, André Francisco Freire Monteiro (UFT), no artigo, **Literatura e Filosofia: o papel do excluído em Guimarães Rosa e Herbert Marcuse**, analisa a figura do “excluído” no conto *Famigerado* pertencente à obra *Primeiras Estórias* de

João Guimarães Rosa (1908-1967), sob a luz da Teoria Crítica da Sociedade de Herbert Marcuse (1898-1979). Na filosofia de Herbert Marcuse, os excluídos despontam como sujeitos capazes de mudar a realidade que estão inseridos. Monteiro observa que no conto *Famigerado*, o personagem Damázio é um notório excluído da sociedade brasileira, excluído economicamente, excluído das cidades e um não-escolarizado que não tem acesso ao conhecimento produzido em linguagem oficial, contudo, Guimarães Rosa não o retrata como um incapaz, mas sim um homem que tem o poder das armas, que luta para sobreviver e ter uma vida que considera digna. Monteiro lembra que Marcuse define a literatura como uma das dimensões estéticas que estabelecem negação a realidade hodierna e pode falar a linguagem e experiência dos oprimidos e excluídos.

A autora Salete Paulina Machado Sirino (UNESPAR/FAP), contribui com este dossiê, ao apresentar em seu texto, ***Mutum, um texto que fala com outro texto é uma encenação de vozes***, uma leitura de *Mutum* (2007), de Sandra Kogut, transposição fílmica da novela *Campo geral/Miguilim* (1956), que integra a obra *Corpo de baile*, de João Guimarães Rosa. Sirino retoma a premissa de Mikhail Bakhtin de que um texto que fala com outro texto é uma encenação de vozes, tal práxis de leitura busca desvelar, tanto no livro de Guimarães Rosa quanto no filme de Sandra Kogut, como a voz do protagonista Miguilim resulta de sua interação com o Mutum – espaço geográfico e social no qual esta personagem está inserida.

Márcia Valéria Martinez de Aguiar (EFLCH – Unifesp), no artigo, ***A terceira margem do rio e o realismo fantástico da revista Planète***, registra que ao ler a correspondência de João Guimarães Rosa com seu tradutor francês, Jean-Jacques Villard, descobre que um de seus contos mais conhecidos, “A terceira margem do rio”, havia sido publicado na revista *Planète*, editada pelos pais do realismo fantástico Louis Pauwels e Jacques Bergier. De acordo com Aguiar, a revista, publicada na esteira da comoção provocada por *O despertar dos mágicos*, colocava-se, antes de tudo, contra o positivismo científico dominante na época e levava em conta os fenômenos paranormais, a alquimia, as capacidades inexploradas do cérebro humano. “Rien de ce qui est étrange ne nous est étranger » era o lema da revista. Neste artigo, Aguiar apresenta a estória da publicação e da tradução do conto e o modo como a tradução se integra no universo literário que acolheu as obras de Guimarães Rosa na França dos anos 1960.

Em diálogo com as leituras, aqui apresentadas, as autoras Marli Cristina Tasca Marangoni (UCS/CNEC) e Flávia Brocchetto Ramos (UCS), no artigo,

"Pirlimpsiquice": um extraordinário faz-de-conta, analisam a intervenção do fantástico no conto “Pirlimpsiquice”, presente na obra *Primeiras estórias*, de João Guimarães Rosa. De acordo com as autoras, ao centralizar o episódio extraordinário da realização de uma peça teatral por um grupo de meninos de um Colégio de padres, a narrativa tematiza a palavra infantil como elemento transformador da realidade. A investigação indica que, no conto em análise, o faz-de-conta infantil funde-se ao faz-de-conta teatral e a representação assume o lugar do representado, estabelecendo uma tensão entre o imaginado e o real. Por sua condição imprevisível e inacabada, a nova realidade instaurada pela palavra infantil coincide com o viver verdadeiro, revelando o “transviver” protagonizado pelas personagens.

Na continuidade, o leitor encontrará, no texto, **Uma experiência de leitura da obra de João Guimarães Rosa em Comunidades do Vale do Urucuia**, os resultados de uma pesquisa, como foco para a recepção da obra de João Guimarães Rosa no Vale do Urucuia, cenário de parte do romance *Grande Sertão: Veredas*. De acordo com Rosa Amélia Pereira da Silva (UnB), o objetivo principal da pesquisa foi levar a leitura dos textos rosianos às comunidades que se situam no território que inspirou o autor. Além disso, a pesquisa teve como proposta, desenvolver o letramento literário na região de sua abrangência. A autora destaca as “cirandas dialógicas” como procedimento metodológico eficaz, uma vez que os participantes do projeto se envolveram com os textos, mesmo com a ideia pré-formada de que a leitura do autor é difícil e para um grupo seletivo. A proposta percorreu 5 comunidades da região e, a partir do relato, observam-se resultados positivos em relação à leitura de João Guimarães Rosa pelo interior do país: primeiro, as pessoas mais humildes e com pouca educação formal têm plenas condições de ler a obra do autor; segundo, o letramento literário, assim como outros letramentos, pode ser desenvolvido se houver um cuidado com as estratégias aplicadas para este fim.

Na seção dedicada aos Estudos Literários, Elisa Domingues Coelho(UNESP/Araraquara), no texto intitulado **O novo e a tradição em Riacho Doce: entre o pertencimento e a ruína**, apresenta um estudo sobre *Riacho Doce*. A autora reflete que José Lins do Rego, ao trazer uma protagonista estrangeira e dedicar toda a primeira parte da história à sua infância na Suécia, inovou para operar uma complexificação dos elementos que unem sua obra e inseri-los em uma longa trajetória do pertencimento que une o nacional e o estrangeiro, a tradição e o novo.

Em contribuição à seção dedicada aos Estudos Literários, Aldemar Valente



Junior (UCB), no texto, **O malandro na sinuca: uma leitura de *Desabrigo*, de Antônio Fraga**, apresenta uma abordagem crítica acerca da novela *Desabrigo* (1942), de Antônio Fraga, como expressão do espaço destinado à malandragem como prática a ser coibida pelo aparelho repressor. O cenário de ação do Rio de Janeiro contribui como termo que agrava a discussão acerca do poder central como agente de um processo de higienização social que expulsa para a periferia da cidade rufiões, prostitutas e jogadores como personagens indesejáveis à nova ordem que se estabelece como o pós-guerra. Em seu texto, Aldemar Valente Junior observa que *Desabrigo* parece condenada à incúria de editores e críticos que ignoram seu elevado valor de obra literária que teve que esperar por várias décadas para ser reconhecida.

Como importante contribuição ao dossiê, **Contingências Sociais e Cultura Popular na Obra de João Guimarães Rosa**, Ney Piacentini, ator do espetáculo solo ESPELHOS, baseado em contos de Machado de Assis e de Guimarães Rosa contribui, de modo singular, com o número temático da Revista *Línguas&Letras*, edição comemorativa, voltada aos estudos críticos e criativos em torno da obra de Guimarães Rosa, por meio de entrevista, por nós intitulada **Guimarães Rosa: Incursões poéticas no palco**.

Finalizamos esta apresentação, com os agradecimentos aos autores (as), pelas preciosas contribuições com a presente edição da *Línguas&Letras*.

Desejamos a todos (as) uma profícua experiência de leitura!

Organizadoras

Profa. Dra. Lourdes Kaminski Alves (PPGL/UNIOESTE/CNPq)

Profa. Dra. Rita das Graças Fortes (PPGL/UNIOESTE)